

Em úbere pincel alado

VIOLAS “TCHAIAM” NOS PÁSSAROS E NAS ANCAS DAS MULATAS COR DE ROSA

Não há cor retrospectiva no olhar das estórias. Cada momento criativo em tela colorida marca a eternidade. Todos os “Chichorros” nas paredes mais nobres das nossas casas fazem fluir sempre o agora, o belo *nunc*, que contém todo o passado e todo o futuro.

O dialogo estético se estabelece com a obra em cada presente observado, assim também com a natureza – sentimento em casa momento do dia. Seja o Chichorro na obra tacteando estilos ainda anos primórdios dos anos sessenta numa Associação Africano de Lourenço Marques, seja o Roberto no quintal-emoção de fim-da-tarde n casa grande de Malhangalene com a lua nascendo no mar para depois pratear as folhas verdes das mangueiras.

É o pincel e o pensamento, é o artista e o homem em permanente permuta. Como todos nós, o Roberto é dual. Emoções repartidas em corpo e espírito. Porém, Chichorro, na hora de pintar é só um. Melhor. Está com o Um, unido corpo-e-alma na paleta-lume da criação. Assim, estou mais confortável para o discurso-percurso deste meu irmão viajante de cores e dores, de alumbradas luas iluminando pássaros engaiolados enquanto subuebanas violas de lata “tchiam” marrabentas nas sensuais ancas das mulatas cor-de-rosa. Por isso, repito o que já uma vez disse e escrevi sobre a sua obra,

Um pincel alado, viaja das areias miscigenadas da Mafalda aos aliseos frescos de Cascais. Viaja pela plástica das cores, telas de chão e lua deslumbrando os nossos olhos, ora em aguarelas de ternura e dor, ora em óleos de sensuais movimentos de paixão.

Das carnudas ancas das mulatas cor-de-rosa tocadas a violas de lata, aos pássaros no nembro das gaiolas ou em pouso livre nos fios-ramos da vida, Chichorro faz percursos oníricos de canho e caju moçambicanizando uvas maduras em paleta.

É a alma-corpo-continente de um poetas das cores amadurecendo sóis-telas, questionando tempos, namorando signos, numa estilística inconfundível de figurativos palpitanes de cor. E neles resplandecem os vermelhos, os amarelos e os brancos lunares. Mas são, sobretudo, os azuis do azul que ganham espaço como aura irradiante de luz. E há **marrabentas** ébrias de ritmo que se aprimora no correr dos dias, traços-tinta luminescentes que nos prendem, que nos seduzem.

E Roberto Chichorro não para nessa estética simbólica do mesclado cromático, de aromas bantu e raízes-flores ultrapassando fronteiras étnicas. Criativo, insufla novos movimentos, outros dizeres figurados. Por isso, mais recentemente, libertados os pássaros, as mulatas cavalgam agora o dorso dos caprinos, gado ubere alimentando sonhos. Vida, metavida, infinitos caminhos.

Do leite quer também beber a paz. Por isso, seu pincel-espírito viaja pela cor-do-dia. O branco amanhece animais e pessoas, cintila nas sombras, procura espaço, navega pelas alvas areias litorâneas da alma. Pelo coração-iris Chichorro passeia novos contornos de lume e cores, simbologias interagindo fecundas e belas. Chamam pela vida, querem mais vida, são vida em abundância.

Neste longo trajeto de presentes intensamente vividos, este pássaro intercontinental viaja por técnicas mistas e pintam meus olhos de novas tintas para uma renovada admiração por Chichorro, meu patrício voador de sonhos, mestre desta arte tão ontem e tão hoje, que bem mostra e demonstra o milagre do Ser criado Ser também criador.

Calane da Silva

2008